



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar
de Professores

ENTRE O VELHO E O NOVO FEMININO: AS DIVERSAS PERSPECTIVAS DA FEMINILIDADE NO ÂMBITO ESCOLAR

BETWEEN THE OLD AND THE NEW FEMININE: THE DIFFERENT PERSPECTIVES OF FEMININITY IN THE SCHOOL

Samaara Souza dos SANTOS¹
Maria Thereza Lacerda MARTINS²
Marcos Vinicius Campelo JUNIOR³

RESUMO

Na contemporaneidade, as discussões sobre questões de gênero, os direitos das mulheres e a luta por equidade se configuram nos diversos espaços sociais. Este quadro torna indispensável que se tenha uma melhor compreensão no que tange às diversas perspectivas da feminilidade no âmbito escolar, visando descortinar convicções intergeracionais, conhecer preconceitos que tanto se consolidam como desconstroem e analisar as subjetividades para o entendimento do feminino. Este artigo objetiva investigar como, no ambiente escolar, meninas e mulheres compreendem seu papel na sociedade. A investigação leva em consideração a permanência de moldes sexistas na escola e a possibilidade de variados juízos sobre os papéis de gênero que naturalizam e limitam a feminilidade. Como forma de alcançar maiores compreensões, recorreu-se à coleta de informações e depoimentos de alunas que puderam exemplificar e qualificar suas percepções quanto ao machismo e feminilidade nas suas relações com os membros da unidade escolar. Inicialmente, no que concerne ao papel da mulher, foram identificadas no mesmo ambiente e de forma simultânea percepções conservadoras. Os resultados revelam de forma abrangente a importância de se discutir mais ainda a feminilidade no ambiente escolar, para que esse espaço se torne menos hostil e limitante perante as perspectivas de equidade de gênero.

Palavras-chave: Escola. Feminismo. Educação. Gênero.

ABSTRACT

In contemporary times, discussions on gender issues, women's rights, and the struggle for equity are shaping various social spaces. This scenario makes it essential to have a better understanding of the diverse perspectives of femininity within the school environment, aiming to unveil intergenerational beliefs, identify prejudices that both solidify and deconstruct, and analyze subjectivities for a comprehensive understanding of the feminine. This article aims to

¹ Especialista em Sociologia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, samaara2souza@gmail.com.

² Especialista em Sociologia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, therezza.lacerda@gmail.com.

³ Doutor em Ensino de Ciências, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, campelogeografia@gmail.com.



investigate how, in the school setting, girls and women perceive their role in society. The research takes into account the persistence of sexist patterns in schools and the possibility of various judgments on gender roles that naturalize and limit femininity. To achieve deeper insights, information and testimonies from female students were collected, illustrating and qualifying their perceptions regarding sexism and femininity in their interactions within the school community. Initially, concerning the role of women, conservative perceptions were identified within the same environment and simultaneously. The results broadly reveal the importance of further discussing femininity in the school environment to make this space less hostile and limiting in terms of gender equity perspectives.

Keywords: School. Feminism. Education. Genre.

1 INTRODUÇÃO

“As meninas de hoje em dia não são como as da nossa época.” “As meninas de hoje em dia estão piores do que os meninos.” “Aquele não é comportamento de uma moça!”. Com que frequência isso é dito no ambiente escolar? Por que esse discurso é comumente afirmado e o que demonstra?

O presente artigo tem como meta realizar uma investigação sobre a relação entre mulheres de gerações diferentes e suas formas de compreender seus papéis na sociedade a partir do ambiente escolar. Buscou-se compreender a percepção que as estudantes possuem sobre sua ligação com os diversos membros de sua unidade escolar quando abordado o tema da feminilidade. Será que elas sentem suas feminilidades são respeitadas? Há ainda na escola a imposição de comportamentos e discursos que visam naturalizar questões de gênero seculares?

Existe um conflito acontecendo em sala de aula, entre o “velho” e o “novo feminino”, isto é, entre formas tradicionais de compreender os deveres da mulher na sociedade versus a busca pela construção de um novo papel para a mulher, pautada na busca por mais liberdade sexual, maior liberdade de expressão, na construção de uma identidade feminina combativa.

Constatou-se através de levantamento bibliográfico que, quando o comportamento das meninas não condiz com as expectativas, ou seja, aos papéis tradicionalmente impostos ao gênero feminino, isso tem sido encarado como casos de indisciplina. Portanto, como atitudes desviantes que devem ser corrigidas.

A pesquisa realizada em uma escola pública de Ensino Integral do interior de São Paulo permitiu perceber que a escola se encontra dividida entre novas abordagens, mais progressistas e acolhedoras de toda manifestação de feminilidade, e velhas formas de conduzir o processo educativo, reproduzindo discursos que contribuem para a continuidade da desigualdade de gênero.



Por meio da análise do resultado da pesquisa aplicada às meninas estudantes dessa unidade escolar constatou-se que o discurso que busca situar o espaço feminino como o lugar do recato ainda está presente, instituído através de regras de convivência que exigem a discrição do corpo feminino, compreendido como um corpo que desperta impulsos indesejados dentro do ambiente escolar.

2 O FEMINISMO TEEN

O feminismo chegou às redes sociais, espaço que, segundo os dados do IBGE de 2018, é utilizado mais por mulheres do que por homens, elas representam 74,5% do total de acessos. Um dos fatores que podem explicar a popularização das pautas feministas na web e entre as mulheres jovens e adolescentes, que adotam cada vez mais uma postura de denúncia e questionamento do mundo à sua volta.

Como elucida Rago (2008), o comportamento combativo por parte de meninas e adolescentes origina-se da ascensão que os movimentos feministas obtiveram nos últimos anos, com sua popularização proporcionada pelas redes sociais e a migração das lutas feministas para as redes, tornando o feminismo uma “moda” entre as jovens.

O movimento feminista tem utilizado cada dia mais o ciberespaço para propagar ideias e lutas, tendo como marco as manifestações ocorridas em 2012, organizadas através de hashtags, momento intitulado Primavera Feminista. Os valores e discursos feministas também têm sido apropriados por celebridades e empresas diversas, sendo que esta questão então, acaba chegando até às jovens e adolescentes, seja através das redes sociais, das músicas ou das propagandas.

Percebe-se que tais discursos têm influenciado o comportamento dessas jovens, que muitas vezes desconhecem a palavra “Feminista” e sua história, mas incorporam e reproduzem posturas desse universo em sua forma de pensar e se posicionar no seu dia a dia, o que chega até a sala de aula. Com frases feministas prontas e buscando exibir um comportamento mais libertário e questionador sobre o seu papel e seu corpo, constroem para si uma identidade de resistência. Mesmo que se desconheça as definições, esses discursos são facilmente identificáveis em qualquer roda de conversa de meninas, adolescentes ou não.

Por Feminismo entende-se todo movimento, grupo ou pessoa que luta pela igualdade entre homens e mulheres. Movimento este, que vem ganhando força desde a Revolução Francesa, com o aparecimento de temas que envolviam as condições de opressão das mulheres, tendo como principal aspecto a dominação masculina.

A “primeira onda” do feminismo ergueu-se em meados do século XIX, reivindicando



o reconhecimento de direitos sociais, econômicos e políticos. Ela foi caracterizada pelo movimento de mulheres proletárias que denunciavam as péssimas condições de trabalho, como também por um movimento sufragista representado predominantemente por mulheres de classe alta.

A segunda onda feminista inicia na década de 1960 e tem a preocupação com as desigualdades culturais e políticas que eram visivelmente relacionadas. As mulheres buscavam, nesse momento, um aprofundamento para o entendimento de suas vivências pessoais que estavam ligadas a uma estrutura sexista. Vale ressaltar, que esse período, também é marcado por uma revolução sexual, em virtude do surgimento do primeiro anticoncepcional.

Atualmente o feminismo encontra-se em sua “terceira onda”, que teve início nos anos 1990, momento em que o movimento compreende a sua diversidade, a pluralidade de seus membros e começa a organizar-se em subgrupos e a discutir um número maior de temas, levantando um maior número de bandeiras, além do uso das redes sociais.

Nas redes sociais a pedagogia utilizada por essas páginas feministas é simples, e qualquer indivíduo pode ser um produtor e reproduzidor de conteúdo. A principal estratégia é o compartilhamento de experiências, de narrativas pessoais que sensibilizam e geram identificação rapidamente. Através dessas narrativas as mulheres, independentemente de idade, percebem que os problemas que enfrentam não são pessoais, mas de gênero. O objetivo dessas pedagogias feministas é criar uma conscientização sobre os problemas e preconceitos enfrentados enquanto gênero feminino e enquanto sujeito subjugado na sociedade.

O feminismo se capilariza, pois, variados públicos vão interagindo e se identificando com ele, sinalizando uma forma de fortalecê-lo. Essa capilarização vai fornecendo novas caras e singularidades ao processo. Assim, Rago (2013), sinaliza que o “Feminismo está na moda”, e diversos setores sociais questionam cada vez mais a compreensão acerca do papel da mulher na sociedade, a escola não se encontra fora desse momento.

Conscientes de sua identidade de gênero como um conjunto de comportamentos construídos historicamente, compreende-se então que possa ser desconstruído ou reconstruído por meio de questionamentos e novas atitudes, e é nisso que o feminismo atual tem apostado para conseguir mudanças sociais.

Esperançosos no “Feminismo Teen”, os movimentos feministas apostam na capacidade que crianças e jovens têm de questionar e romper com velhas atitudes. As famílias e as comunidades não detêm mais o monopólio da socialização. As mídias e as redes também são lugares em que esses públicos retiram elementos e informações para compor sua identidade, e são esses espaços que os feminismos buscam ocupar, divulgando vozes e experiências de grupos que não possuem espaços de fala garantidos nas formas tradicionais de sociabilidade.



A extensão de diversas lutas nos meios digitais é denominada de ciberativismo, que consiste na utilização da internet e das redes para divulgar ideias, informações e mobilizar pessoas em favor de uma causa. Uma pessoa não precisa mais participar de reuniões ou passeatas para ser considerada “feminista”, o que facilitou a popularização do movimento. As mulheres não precisam mais ficar preocupadas com os olhares desconfiados e com as rotulações por discutir problemas em comum.

As relações no mundo virtual contribuem para a fragmentação da identidade da mulher na modernidade, quando o contato com diversos discursos, às vezes até antagônicos, permitem um grande número de possibilidades e feminilidades. Por isso, no ciberespaço o indivíduo possui a oportunidade contínua de apresentar a si mesmo não como fruto de determinismo histórico, mas de uma forma que pode ou não coincidir com a realidade. Esse processo, essa nova forma de se relacionar proporcionado pelas máquinas, no ciberespaço limitou e enfraqueceu o status quo, libertando e fortalecendo a construção de uma identidade feminina distante da hegemonia do discurso masculino. O ciberespaço apaga ou desaparece com muitas figuras de poder (pai, marido, religião). Os espaços internaúticos cooperam para a fragmentação ou negação da identidade tradicional da mulher.

3 INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR

Na escola ocorre o encontro de duas gerações – alunas e educadores/educadoras que se relacionam de forma diferente com as redes sociais. E mesmo “viajando nas redes”, muitas vezes não entram em contato com esses movimentos feministas ciberativistas, desconhecendo suas lutas e bandeiras.

É possível conjecturar que pessoas mais velhas constataram que há uma mudança de valores em curso, e que o discurso e as ações dos jovens são uma consequência à exposição às redes, páginas, memes, textos e hipertextos. Mas acabam valorizando essa mudança como negativa ou desviante da normalidade.

Existem diferenças na forma como os educadores/educadoras classificam uma ação como “indisciplinada”, e que esta classificação está relacionada com padrões de gênero enraizadas culturalmente, que são afirmados e reafirmados nas penalidades aplicadas na escola. Meninas e meninos são conforme as expectativas de comportamento que se esperam deles, de acordo com o senso comum que determinada sociedade possui sobre papéis de gênero: “meninas são mais calmas, menos questionadoras” e “meninos são agitados, desobedientes”.

Ser uma menina que nega papéis de gênero tradicionais seria compreendido como indisciplina. Estudos realizados por Louro (2013) em “O corpo educado: pedagogias da



sexualidade”, afirmam que quando se diminui a escala da observação, na sutileza dos discursos constata-se que as punições são mais severas para com as meninas que, de alguma forma, “quebram” ou rompem com o comportamento considerado adequado “para uma menina”.

Percebe-se que de fato muitos sujeitos praticam naturalmente o que se pode denominar de “cultura do machismo” (Lancaster, 1992), sendo uma anomalia social. Nesse sentido, aqueles que fizeram os comentários como os apresentados no início deste trabalho, mesmo que não tenham consciência disso, manifesta o binarismo de gênero, construído historicamente por cada sociedade, mas compreendido como “natural” pelo conhecimento de senso comum, enquadrando qualquer comportamento diferente do que é proposto no discurso tradicional secular, um desvio que deve ser corrigido. Esse binarismo que há séculos afirma que às mulheres cabe o espaço do lar, da submissão, da fragilidade, da tutela, e do recato.

Mesmo quando reconhecem que no passado a vida para as mulheres era mais difícil, não conseguem romper com os papéis de gênero enraizados em sua forma de discernir a realidade.

Percebe-se que, geralmente, aqueles profissionais que entendem a problemática da indisciplina, sem considerar o contexto da sala de aula e as relações interpessoais entre professor(a)-aluno(a), acabam, na maioria das vezes, reforçando estereótipos para os comportamentos dos alunos e das alunas, de forma a exigir, muito mais das meninas, atitudes de silêncio, de dedicação aos estudos, de comportamentos disciplinados e, especialmente, uma atitude que adie a questão da sexualidade para mais tarde, para depois ou para outro espaço que não a escola. Como as alunas são muito mais cobradas para que tenham um comportamento disciplinado, incluindo nesse conceito um comportamento assexuado, estas também recebem punições muito mais severas do que os meninos (FERREIRA, 2009, p. 7703).

O que se pode concluir ao mergulhar na bibliografia na qual se ocupa com essa questão da indisciplina escolar é relativa ao entendimento de cada membro da escola, e que as meninas, embora numericamente menos autoras de casos de indisciplina, são comumente punidas com maior severidade. Os autores concluem que as expectativas em relação a cada sexo resultam em determinadas consequências. Espera-se que as meninas sejam mais calmas, obedientes, menos agressivas e menos questionadoras, valores que entram em conflito com o esperado para “Feminista”, já que os movimentos feministas ativos no ciberespaço apostam na divulgação da informação como meio de incentivar uma postura de questionamento e combate entre as mulheres.

Não somente as punições têm sido sexualizadas e sexualizantes, o currículo escolar também tem sido, historicamente, um instrumento de manutenção da desigualdade de gênero. Debruçando-se sobre a história dos conteúdos abordados nos currículos escolares ao longo do tempo em que eles foram construídos e oferecidos para reafirmar os papéis de gênero vigente.

O Movimento Feminista critica a historicidade e uma possível neutralidade das estruturas curriculares ao denunciar que as mesmas contribuem para a assimetria sexual. E está



correto. A pedagogia feminista visa, sobretudo, a constituição de um currículo inclusivo no qual as relações de gênero não sejam tratadas como têm sido nas práticas pedagógicas tradicionais. Há muito que conquistar na educação formal, escolarizada, pois, segundo Tomaz Tadeu da Silva: “O currículo é, entre outras coisas, um artefato de gênero, um artefato que, ao mesmo tempo, corporifica e produz relações de gênero” (2001, p. 97). Assim, percebe-se uma crítica e uma tentativa de diálogo no processo de ensino aprendizagem, sinalizando a importância da quebra da manutenção das hierarquias de gênero em espaços de formação.

4 METODOLOGIA: ANALISANDO UMA ESCOLA DE ENSINO INTEGRAL DO INTERIOR

Para compreender de que forma essas novas feminilidades se relacionam dentro do ambiente escolar, realizou-se uma pesquisa a partir de um espaço real, que revelasse a complexidade das relações. Buscando-se saber se houve mudanças no âmbito escolar na forma de compreender o papel da mulher na sociedade, e como a “moda feminista” tem sido acolhida dentro da Unidade Escolar estudada.

Este trabalho é consequência de uma pesquisa qualitativa que procurou dialogar com diversos autores que discutem a temática da educação a partir de um recorte de gênero, destacando-se a questão da indisciplina. E compreende que a escola pode ser uma instituição reprodutora de papéis sociais tradicionais, mas também pode transformá-los.

A pesquisa foi realizada em uma escola estadual de Ensino Integral no interior de São Paulo, em uma cidade de poucos habitantes arraigada em tradições rurais e religiosas. A escola recebe estudantes a partir de onze anos de idade, onde podem cursar o fundamental II e prosseguir até o Ensino Médio. Possuem, portanto, alunas de 11 a 18 anos em média.

Através da utilização do aplicativo *Google Forms*, as alunas foram convidadas a responder perguntas que buscaram coletar a percepção que elas possuem da escola quando se trata de machismo, feminilidades etc., e coletou depoimentos que pudessem exemplificar e qualificar a relação que estas possuem com os membros da unidade escolar.

A utilização da coleta de informações através da ferramenta *Google Forms* foi orientada através do artigo “Utilização do *Google Forms* na pesquisa acadêmica”. O artigo é uma síntese de uma oficina que foi oferecida na Universidade Estadual do Tocantins, publicada na revista “Humanidades e Inovação”, v. 6, nº 12, de 2019.

A escolha do *Google Forms* como meio para o desenvolvimento dessa pesquisa deveu-se à familiaridade dos alunos dessa unidade escolar com o uso desse aplicativo. Experiência adquirida durante o período de aulas on-line e do ensino híbrido, momento em que as aulas



presenciais tiveram que ser adaptadas para o formato de Ensino a Distância, devido à pandemia de Covid-19.

O formulário foi enviado via link, através do celular, aproveitando os grupos de WhatsApp já existentes e que realizavam a conexão entre educadores e educandos. O formulário foi respondido por setenta e nove (79) meninas dessa Unidade Escolar, que responderam nove questões, sendo que a última cedia espaço para que fosse deixado um depoimento.

Buscou-se também identificar se essas alunas tiveram contato com conteúdos feministas por meio do uso das redes sociais e se tinham consciência disso. A escolha por incluir na pesquisa todos os membros da escola deveu-se ao fato da escola analisada ser uma escola de Ensino Integral, onde todos os membros acabam tendo contato com os alunos por mais tempo do que teriam em uma escola regular, e entendeu-se que essa presença também é educativa. Nesse formato de escola, a Pedagogia da Presença é um princípio constantemente afirmado, e determina que a presença de todos os profissionais da escola deve ser afirmativa e construtiva na vida dos alunos.

A escola integral, de acordo com os documentos que justificam sua concepção, deve ser um espaço que possibilite a mediação entre saber e humanização. O tempo de permanência do aluno na escola é entendido como uma conquista obtida pelo processo de ampliação dos direitos das classes populares, que estão mais conscientes de seus direitos à escola. “O direito à educação levou ao direito a mais educação” (ARROYO, 2009, p. 33). Porém, somente a ampliação do tempo não garante qualidade de aprendizado, é necessário oferecer uma visão diferenciada, proporcionando a possibilidade de uma educação emancipatória.

A Escola de Ensino Integral orienta-se a partir dos seguintes princípios: os Quatro Pilares da Educação (Aprender a Conhecer, Aprender a Fazer, Aprender a Ser, Aprender a Conviver); A Pedagogia da Presença; Educação Interdimensional e o Protagonismo Juvenil. Nesse programa de ensino, o acolhimento das individualidades e diversidade torna-se um imperativo, o que afeta a relação aluno-educadores, e que ficou perceptível em alguns dos depoimentos deixados na pesquisa.

A partir dos depoimentos das alunas notou-se que elas observaram uma diferença de tratamento que tiveram na atual escola em comparação com a anterior, não integral. Estas perceberam uma discrepância no modo como são abordadas em suas individualidades entre uma escola e outra.

A pesquisa aplicada envolveu perguntas com respostas alternativas, que tiveram as informações levantadas organizadas em informações gráficas, e uma pergunta dissertativa que coletou depoimentos das entrevistadas, o que foi organizado e categorizado conforme o método



5 METODOLOGIA: ANALISANDO UMA ESCOLA DE ENSINO INTEGRAL DO INTERIOR

Para compreender de que forma essas novas feminilidades se relacionam dentro do ambiente escolar, realizou-se uma pesquisa a partir de um espaço real, que revelasse a complexidade das relações. Buscando-se saber se houve mudanças no âmbito escolar na forma de compreender o papel da mulher na sociedade, e como a “moda feminista” tem sido acolhida dentro da Unidade Escolar estudada.

Este trabalho é consequência de uma pesquisa qualitativa que procurou dialogar com diversos autores que discutem a temática da educação a partir de um recorte de gênero, destacando-se a questão da indisciplina. E compreende que a escola pode ser uma instituição reprodutora de papéis sociais tradicionais, mas também pode transformá-los.

A pesquisa foi realizada em uma escola estadual de Ensino Integral no interior de São Paulo, em uma cidade de poucos habitantes arraigada em tradições rurais e religiosas. A escola recebe estudantes a partir de onze anos de idade, onde podem cursar o fundamental II e prosseguir até o Ensino Médio. Possuem, portanto, alunas de 11 a 18 anos em média.

Através da utilização do aplicativo *Google Forms*, as alunas foram convidadas a responder perguntas que buscaram coletar a percepção que elas possuem da escola quando se trata de machismo, feminilidades etc., e coletou depoimentos que pudessem exemplificar e qualificar a relação que estas possuem com os membros da unidade escolar.

A utilização da coleta de informações através da ferramenta *Google Forms* foi orientada através do artigo “Utilização do *Google Forms* na pesquisa acadêmica”. O artigo é uma síntese de uma oficina que foi oferecida na Universidade Estadual do Tocantins, publicada na revista “Humanidades e Inovação”, v. 6, nº 12, de 2019.

A escolha do *Google Forms* como meio para o desenvolvimento dessa pesquisa deveu-se à familiaridade dos alunos dessa unidade escolar com o uso desse aplicativo. Experiência adquirida durante o período de aulas on-line e do ensino híbrido, momento em que as aulas presenciais tiveram que ser adaptadas para o formato de Ensino a Distância, devido à pandemia de Covid-19.

O formulário foi enviado via link, através do celular, aproveitando os grupos de WhatsApp já existentes e que realizavam a conexão entre educadores e educandos. O formulário foi respondido por setenta e nove (79) meninas dessa Unidade Escolar, que responderam nove questões, sendo que a última cedia espaço para que fosse deixado um



depoimento.

Buscou-se também identificar se essas alunas tiveram contato com conteúdos feministas por meio do uso das redes sociais e se tinham consciência disso. A escolha por incluir na pesquisa todos os membros da escola deveu-se ao fato da escola analisada ser uma escola de Ensino Integral, onde todos os membros acabam tendo contato com os alunos por mais tempo do que teriam em uma escola regular, e entendeu-se que essa presença também é educativa. Nesse formato de escola, a Pedagogia da Presença é um princípio constantemente afirmado, e determina que a presença de todos os profissionais da escola deve ser afirmativa e construtiva na vida dos alunos.

A escola integral, de acordo com os documentos que justificam sua concepção, deve ser um espaço que possibilite a mediação entre saber e humanização. O tempo de permanência do aluno na escola é entendido como uma conquista obtida pelo processo de ampliação dos direitos das classes populares, que estão mais conscientes de seus direitos à escola. “O direito à educação levou ao direito a mais educação” (ARROYO, 2009, p. 33). Porém, somente a ampliação do tempo não garante qualidade de aprendizado, é necessário oferecer uma visão diferenciada, proporcionando a possibilidade de uma educação emancipatória.

A Escola de Ensino Integral orienta-se a partir dos seguintes princípios: os Quatro Pilares da Educação (Aprender a Conhecer, Aprender a Fazer, Aprender a Ser, Aprender a Conviver); A Pedagogia da Presença; Educação Interdimensional e o Protagonismo Juvenil. Nesse programa de ensino, o acolhimento das individualidades e diversidade torna-se um imperativo, o que afeta a relação aluno-educadores, e que ficou perceptível em alguns dos depoimentos deixados na pesquisa.

A partir dos depoimentos das alunas notou-se que elas observaram uma diferença de tratamento que tiveram na atual escola em comparação com a anterior, não integral. Estas perceberam uma discrepância no modo como são abordadas em suas individualidades entre uma escola e outra.

A pesquisa aplicada envolveu perguntas com respostas alternativas, que tiveram as informações levantadas organizadas em informações gráficas, e uma pergunta dissertativa que coletou depoimentos das entrevistadas, o que foi organizado e categorizado conforme o método de Laurence Bardin.

6 ANÁLISES E DISCUSSÕES

No que se refere as informações gráficas, obteve-se os seguintes resultados sobre a escola analisada: a maioria das meninas relataram que usam muito as redes sociais (72,2 %) e



que seguem influenciadoras ou páginas feministas (53,2%). Quando refeita a pergunta, buscando-se a não utilização do termo “feminista”, pressupondo o desconhecimento da palavra por algumas meninas, e substituindo a palavra por “empoderamento”, o número de meninas que relataram seguir esse tipo de conteúdo subiu para 69,6%.

Quando perguntadas se a escola tratava mulheres e homens de maneira igualitária, 67,1% relataram que acham que são tratadas igualmente e 27,8% responderam que as vezes são. Elas sentem que sua forma de ser mulher é respeitada com 88,6% de respostas positivas. Sobre ter ouvido alguma afirmação machista, 72,2% disseram nunca ter ouvido nada nessa unidade, mas 11,4% relataram já terem ouvido a seguinte afirmação: “Mulher direita não se veste dessa maneira”. E, entre as que relataram ter ouvido afirmações machistas, 17,2% confirmaram ter ouvido dos funcionários da escola e 11,4% de seus professores.

Pode-se concluir que a maior parte das meninas percebe o ambiente escolar abordado de forma bastante positiva e relatam ter uma boa relação com os membros da escola; elas se sentem respeitadas e tratadas com igualdade. Desse modo, vale destacar a relação da unidade para com a questão das vestimentas das alunas, insatisfação que aparece discretamente nas informações gráficas, mas que fica mais visível quando observados os depoimentos deixados.

Para a compreensão das informações coletadas, os depoimentos foram organizados e categorizados no Quadro 1⁴.

Quadro 1. Categorização dos relatos.

CATEGORIAS	UNIDADES DE CONTEXTO
Não relataram machismo	“Todos são respeitosos” “A escola sabe receber os alunos, lidar com mulheres e etc, achei sensacional como abordaram o assunto dos absorventes nas escolas. Na minha opinião deveria existir na matrícula, qual o nome que você quer ser chamado, por exemplo homem trans, as vezes não chamam pelo nome atual, e insistem em chamar pelo antigo” “No (nome da unidade escolar) eu nunca ouvi alguma palavras machistas, mas na minha antiga escola já ouvi muito e isso me afeta até hoje..já ouvi que mulher não deve sair de casa com roupas curtas pq tá pedindo e tbm que mulher são menos inteligentes.” “Mas até agora no (nome da unidade escolar) eu não escutei uma palavra machista e atingindo a mim. Mas machismo é uma coisa que me afeta muito, eu falo que dói muito em mim e quando eu falo que não estou gostando eu saio como errada ainda.” “Acho que a minha escola e bem respeitosa e

⁴ Os depoimentos foram considerados de forma íntegra, sem correção gramatical, da maneira como as entrevistadas escreveram.



	nunca falarão isso”
Relataram machismo	“Uma coisa que me incomoda muitíssimo, é eu ter que usar uma bermuda pra baixo do joelho, por que as pessoas sabem que no nível que se encontramos hoje, é mais difícil ensinar um garoto a como se comportar (puberdade não dura a vida inteira) . Por que são as mulheres que pagam o pato pelo fracasso da sociedade na educação dos homens?” “Nunca ouvi ninguém falar nada, mais as vezes pelo olhar de julgamento da pra ver que algumas pessoas se incomodam com meninas fazendo coisas que falam que é para" meninos” “Acho que não se deve julgar pela roupa, nós não temos que "se vestir direito" os meninos que tem a OBRIGAÇÃO de nós respeitar.” “eu acho que se a mulher quiser se vestir de um jeito ela pode e ninguém pode impedi-la "a mas os meninos não sei o que" apenas deixam elas, porque não mandam os meninos baixarem a bola em vez de humilharem as meninas? eu acho que precisamos de uma palestra sobre violência ou educação sexual.”
Depoimentos militantes	“Todos são iguais e devem ser tratados da mesma maneira independente de gênero” “Mulheres devem ser tratadas igualmente” “Acho que os meninos precisam aprender mais sobre isso” “Gostaria que todos tratassem todo mundo com respeito por que isso que está faltando na escola!”
Não souberam dizer	“Não gostaria de deixar nada” “Bom eu ainda não estou indo pra escola direito em não muito o que acontece la”

Fonte: Organizado pelas autoras, 2022.

Texto A partir da observação do quadro de depoimentos, pode-se concluir que as meninas perceberam uma mudança de tratamento entre escolas, comparando a atual unidade escolar com a anterior de maneira positiva, como uma escola que trata todas com respeito, e na qual não passam por situações de sexismo.

Destaca-se na categoria “Relataram machismo” a questão da vestimenta. Percebe-se que as meninas usaram esse espaço para reclamar sobre a forma como lidam com as roupas que elas usam no ambiente escolar. “Se vestir direito”, “bermuda para baixo do joelho” ou serem acusadas de despertar reações negativas nos meninos, são denúncias que aparecem nos depoimentos deixados por elas e que vêm carregados de indignação.

Alguns depoimentos foram categorizados como “Militantes” por revelarem a influência das páginas feministas na vida dessas garotas, “Todos são iguais e devem ser tratados da mesma maneira independente de gênero” ou “Mulheres devem ser tratadas igualmente” exemplificam essa



categorização, e contribuem para afirmar a hipótese desse trabalho, que propõe que o feminismo chegou à sala de aula, e que isso tem causado alguns conflitos, ligados às diversas compreensões existentes sobre o papel da mulher na sociedade, presente entre as diversas gerações que se encontram na escola.

“Se vestir direito.” A exigência secular que coercitivamente motiva as mulheres a se vestirem de maneira discreta e recatada, de um modo que sua sexualidade não se manifeste, não se revele, que fique repreendida dentro de suas roupas quase beatas. Por “Se vestir direito” compreende-se as formas de se vestir ditadas pelas classes dominantes, que ignoram de cada grupo e classe social conceber sua própria definição de belo, de correto e de adequado.

Originada dentro da cultura patriarcal, o que essa afirmação revela é a velha ideia de senso comum de que o corpo feminino desperta impulsos sexuais indesejados nos homens, e que, portanto, deve ser um corpo vigiado e controlado, uma forma de pensar amparada na tradição cristã que demoniza o corpo da mulher.

É importante pontuar que a cultura patriarcal é um sistema social estruturado em relações que favorecem os homens. Nesse regime, os homens executam funções sociais diferenciadas e de solidariedade entre si, que os possibilitam o controle sobre as mulheres. Por outro lado, as mulheres cumprem o papel de objetos sexuais dos homens.

Assim, o patriarcado possui uma dependência da construção social do gênero, criando justificativas para os tipos de violência que dele derivam. Como exemplos podemos citar a defesa da honra, onde mulheres eram brutalmente assassinadas e legalmente marginalizadas, como, os exemplos da ideia de que a mulher é culpada por toda violência que recai sobre ela, ou até mesmo que sua “roupa curta” é um indicativo de abertura para agressões.

Em 2016, na cidade de Porto Alegre-RS, no Colégio Anchieta, um grupo de alunas de 13 a 17 anos, revoltadas com as exigências feitas pela escola na forma como as meninas deveriam se vestir, organizaram um abaixo-assinado que virou uma hashtag que viralizou pelo país. “Vai ter shortinho, sim” foi o nome dado ao ato de protesto que forçou o colégio católico e tradicional de Porto Alegre a repensar a sua postura diante da rotina escolar, que reproduzia moral e valores patriarcais. O protesto não foi sobre os “shorts”, mas o que a sua proibição representava.

A petição organizada pelas alunas é feminista, sobretudo popular, não se pode negar. O argumento feminista dialoga com o objetivo do abaixo-assinado: interromper a vigilância e o controle sobre os corpos das mulheres, cujas ferramentas históricas para esse domínio são, principalmente, as roupas. Ou seja, é uma crítica de que as mulheres são marcadas pelo seu corpo social, histórica e simbolicamente de maneira distinta dos homens (MORESCO, 2016, p. 3).

O protesto também revela a forma como as meninas percebem as desigualdades de gênero e encontram meios para lidar com ela. Entrar com as roupas “inadequadas” escondidas embaixo do



uniforme, usar a roupa “inadequada” de forma clandestina nos horários de convivência (recreio, aula de educação física, na saída da escola etc.), são meios comumente observados em qualquer escola.

A peça "shortinho", enquanto um elemento de design, pode ou não constituir um significante objetificador de corpos. Porém, a sua proibição torna-o um dispositivo de controle da sexualidade. Em *O Segundo Sexo* (1949), Simone de Beauvoir relata como as vestimentas e a ideia de feminilidade podem ser usadas enquanto instrumento da opressão para as mulheres. “[...] Suas vestimentas foram primitivamente destinadas a confiná-la na impotência e permaneceram frágeis [...]” (BEAUVOIR, 1980, p. 453).

“Usar bermuda abaixo do joelho.” Controlar o corpo feminino é controlar a sua sexualidade. Esse controle revela uma relação de poder, que de maneira sutil, através de regras e discursos, impõe sobre a mulher uma desvantagem, uma limitação sobre o uso do próprio corpo. Além de estar inserido na lógica de “culpabilização da vítima” – processo no qual a mulher acaba sendo culpabilizada pelo assédio ou abusos sexuais que sofre ou sofreu. Portanto, não é somente sobre a proibição de uma determinada peça de roupa, mas sobre a manutenção de um esquema que repreende a vítima e tutela os agressores, isentando os homens de suas ações.

A proibição de determinadas roupas para as mulheres também alimenta o que foi citado nos estudos de Moresco (2016) como “slut shaming”.

O slut shaming está muito relacionado com a cultura do estupro. Nesta última, a mulher não é capaz de negar o ato sexual, uma vez que, supostamente, ela está "pedindo" para ser tocada. Ou seja, é constantemente negado o direito da mulher em dizer "não" e ainda sofre com a responsabilização pelo abuso ou violência (MORESCO, 2016, p. 5).

A vigilância sobre o corpo feminino não é algo exclusivo do ambiente escolar, é problema que se estende até o ambiente escolar. A escola é um ambiente privilegiado que pode promover mudanças culturais e sociais ou reproduzir discursos e ações que continuem a mover as engrenagens da desigualdade. Na semana em que este trabalho era realizado surgiu uma polêmica nas redes sociais que dividiu opiniões.

O vídeo de uma mulher sendo criticada ao levar o filho para escola usando uma roupa justa viralizou nas redes sociais nesta semana. Na gravação, uma mulher filma de dentro do carro dela a advogada Vanesita Medina com o filho pequeno, em Santa Cruz, na Bolívia (REVISTA ISTO É online, 08/02/2022).

Se realizado um levantamento histórico, muitos serão os exemplos que demonstram que a proibição de mulheres usarem determinadas roupas, independentemente do ambiente, são imposições machistas que visam controlar o seu corpo, punindo física ou simbolicamente aquelas que ousam desobedecer às regras.

Em 2011, em Toronto, no Canadá, surge a Marcha das Vadias, internacionalizando-se e sendo realizada até hoje em diversas partes do mundo. O objetivo da Marcha é protestar contra o pensamento machista de que a violência e o estupro contra as mulheres são provocados por conta de suas roupas. Portanto, durante a Marcha, as mulheres usam roupas consideradas “provocantes” para a sociedade machista ou nenhuma roupa, com a finalidade de reafirmar o domínio sobre o próprio corpo (MORESCO, 2016, p. 8).



Assim, o movimento desvela a violência que se exerce sobre as mulheres e seus corpos e potencializa articulações que contribuam para o empoderamento feminino.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As constatações inerentes das relações de gênero e da feminilidade na escola em debate, ainda pontuam práticas que reforçam estereótipos, limitando e naturalizando a feminilidade. Isso reforça a necessidade de um potencial e minucioso cuidado na promoção de práticas educativas não discriminatórias.

Mesmo diante da capacidade influenciadora e progressista das pautas feministas nos ambientes escolares, configurando novas identidades, tanto femininas como masculinas, relações de gênero vistas por um viés conservador ainda convivem nesses espaços, traduzindo a manutenção de comportamentos sexistas que devem ser desconstruídos.

Tendo em vista os aspectos observados, e pontuando a escola como um ambiente de primordialidade na construção das identidades dos indivíduos, a pesquisa mostra fortes indicativos da interiorização de práticas que diferenciam comportamentos de meninas e meninos na ocupação dos espaços. Foram analisadas padronizações determinadas para ambos os sexos, articulando o novo e velho discurso nas relações de gênero e principalmente na feminilidade.

Percebe-se, assim, que as discussões e elucidações no que diz respeito às novas perspectivas da feminilidade no ambiente escolar não se exaurem por aqui, mas reacendem nos discursos e significados o pensar para novas práticas educativas mais inclusivas e menos hostis a essas questões.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BEAUVOIR, S. **O Segundo sexo – fatos e mitos**; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BRITO, P. C. S. “**Primavera Feminista: a internet e as manifestações de mulheres em 2015 no Rio de Janeiro**”. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero. Anais Eletrônicos, Florianópolis, 2017. Disponível em http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499450296_ARQUIVO_PrimaveraFeminista-ainterneteasmanifestacoedemulheresem2015noRiodeJaneiro-FazendoGenero.pdf. Acesso em 15/11/2021.

FERREIRA, C. B. de C. **Feminismos web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo**. Campinas São Paulo, SP, 2009.

FERREIRA, C. B. de C. **Feminismo e redes sociais na Marcha das vadias no Brasil**. Revista



Ártemis, [S. l.], v. 15, n. 1, 2013. Disponível em:
<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/16636>. Acesso em: 02 fev. 2022.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: **indicadores sociais das mulheres no brasil**:
<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html> - acesso em 20/01/2022.

LANCASTER, R. N. **Life is hard**: machismo, danger, and the intimacy of power in Nicarágua. Berkeley e Los Angeles: University of Califórnia Press, 1992.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.) **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MORESCO, M. C. **Vai ter shortinho, sim”**: um ensaio sobre o biopoder e feminismo popular na escola, Reunião Científica Regional da ANPED, 2016. Disponível em:
http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wpcontent/uploads/2015/11/eixo18_MARCIELLY-CRISTINA-MORESCO.pdf. Acesso em 06/10/2021.

RAGO, M. **Foucault, a histeria e a aranha**. In: MUCHAIL, Salma Tannus; FONSECA, Márcio Alves da; Veiga-Neto, Alfredo (Orgs.). O mesmo e o outro: 50 anos da História da loucura. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

RAGO, M. **Práticas feministas em novos modos de subjetivação**, Rio de Janeiro, 2008.

REAL, D. C. V. **Primavera Secundarista: engajamento estudantil nas ocupações de Vitória – ES** em 2016. 2018. Mestrado – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.

SANTINI, R. M.; TERRA, C.; ALMEIDA, A. R. D. Feminismo 2.0: mobilização das mulheres no Brasil contra o assédio sexual através das mídias sociais (#primeiroassedio)”. **P2P e inov.**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, set./mar. 2017. Disponível em <http://revista.ibict.br/p2p/article/view/2341/2390>. Acesso em 15/11/2021.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

VÍDEO: Mãe é atacada nas redes sociais ao usar roupa justa para levar filho à escola. **ISTOÉ**, São Paulo, 08 de fev. de 2022. Disponível em <https://istoe.com.br/mae-e-atacada-nas-redes-sociais-ao-usar-roupa-justa-para-levar-filho-a-escola/#:~:text=O%20v%C3%ADdeo%20de%20uma%20mulher,em%20Santa%20Cruz%2C%20na%20Bol%C3%ADvia>. Acesso em 16/02/2022.